"Saboreai e vede
Como o senhor é bom"



I Domingo do Advento (Ano B)
Acautelai-vos, vigiai e orai!

Jean Pierre Neuville

Primeira leitura: Is 63, 16b-17.19b; 64, 2b-7;
Salmo: 79 (80), 2ac e 3b. 15-16.18-19
Segunda Leitura: 1 Cor 1, 3-9
Evangelho: Mc 13, 33-37

Com a chegada do primeiro Domingo do Advento, a Igreja é convocada a entrar num novo ano litúrgico, um novo ciclo de leituras, cujo objetivo não é um simples reencenar da vida de Cristo, ou da História da Salvação. De acordo com o ponto 1163 do *Catecismo da Igreja Católica*, a Igreja considera um «dever celebrar [...] a obra da salvação do seu divino Esposo». Fá-lo, distribuindo os mistérios da Redenção pelo decorrer do ano, para que cada um se deixe imergir nas «riquezas das virtudes e merecimentos do seu Senhor», por forma a que, de dia para dia, se deixe transformar de dentro para fora por Cristo Jesus.

De forma simples, podemos entender a distribuição dos mistérios ao longo do ano, numa divisão entre tempos fortes e tempo comum. Ou seja, cada baptizado é convidado a mergulhar no Amor de Deus, para reavivar as virtudes da Fé, da Esperança e do Amor quando celebra os mistérios maiores como o Natal e a Páscoa. Isto para que, ao emergir dessas celebrações, o faça renovado, cada vez mais como um outro Cristo pronto a testemunhar o seu Senhor no quotidiano, no comum de cada dia.

Por esta razão, os tempos do Advento e da Quaresma são assim propostos como tempos de preparação. No caso concreto do Advento, do latim *adventus*, que podemos traduzir como "chegada", somos chamados a preparar a chegada de Cristo em dois atos. Em primeiro lugar, na preparação da celebração da Natividade do Senhor, o Natal. Contudo, o segundo ato de preparação visa a segunda vinda de Jesus, a *parousia*, o segundo advento do Filho do Homem - «Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigénito de Deus [... que de] novo há-de vir em sua glória,
para julgar os vivos e os mortos; e o seu Reino não terá fim». Por isso, preparamos algo que está para acontecer, um acontecimento futuro.

Assim, no primeiro Domingo do Advento, as quatro leituras estão focadas na segunda vinda do Senhor, na salvação de Deus, na manifestação, na revelação de Jesus, na *parousia* do Filho do Homem: «Estais indignado contra nós, porque pecámos e há muito que somos rebeldes, mas seremos salvos», cf. *Is* 64, 4; «Deus dos Exércitos, vinde de novo», cf. *Sl* 79(80), 8; «[...] a vós que esperais a manifestação [*apokalypsis*] de Nosso Senhor Jesus Cristo», cf. 1*Cor* 1, 7; «Vigiai, portanto, visto que não sabeis quando virá o dono da casa», cf. *Mt* 13, 35.

Começamos um novo ano, um novo ciclo *in media res*, "a meio do acontecimento", para que o ritmo do nosso dia a dia seja marcado pela Fé e Esperança na vinda do Senhor para julgar os vivos e os mortos, para a vida do mundo que há-de vir. Um ritmo verdadeiramente pautado pelo e no Amor de Deus.

«Acautelai-vos e vigiai!»

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Acautelai-vos e vigiai, porque não sabeis quando chegará o momento. Será como um homem que partiu de viagem: ao

deixar a sua casa, deu plenos poderes aos seus servos, atribuindo a cada um a sua tarefa, e mandou ao porteiro que vigiasse. Vigiai, portanto, visto que não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se de manhãzinha; não se dê o caso que, vindo inesperadamente, vos encontre a dormir. O que vos digo a vós, digo-o a todos: Vigiai!».

A imagem da casa não é um acaso, nem somente um momento genial da oratória de Jesus, mas uma estrutura profundamente enraizada na consciência de que a Aliança estabelecida entre Deus e a Humanidade é familiar. Ou seja, desde a Criação (cf. Gn 1-2), o plano original de Deus para o ser humano é que este partilhe a Sua vida divina (1), que seja família de Deus, «imagem e semelhança» de Deus (cf. Gn 1, 20). Isto é, filho de Deus. Tudo isto é conquistado por Cristo, por meio da Sua paixão, morte e ressurreição. O lado aberto do Senhor (cf. Jo 19, 34) continua a gerar novos filhos e filhas adotivos (2). Por esta razão, o Apóstolo S. Paulo, na sua *Carta aos Efésios*, afirma que agora somos «concidadãos dos santos e membros da família de Deus» (cf. Ef 2, 19).

No contexto do Evangelho de Marcos, esta parábola surge no final do ministério público de Jesus, como parte do discurso do Monte das Oliveiras, no qual fala com os discípulos acerca do futuro. Trata-se de uma parábola sobre a *parousia*, a segunda vinda do Filho do Homem, o Seu segundo advento (*adventus*). O Senhor exorta os discípulos a permanecerem vigilantes – despertos e alerta – pois não sabem nem o dia, nem a hora em que Ele regressará. Com esta exortação, Jesus aponta não só para esse tempo escatológico, mas para tudo aquilo que começará dali a dois dias, com a Sua agonia naquele mesmo horto - «Vigiai e orai, para não cederdes à tentação» (cf. *Mt* 14, 36). Jesus não define um prazo. Não dá nem um dia, nem uma hora para o Seu regresso e para isso utiliza a imagem da casa e do senhor que parte, deixando os seus servos encarregues do cuidado da mesma.

Para a leitura viva das Sagradas Escrituras, a Igreja expõe a necessidade de as compreender em dois sentidos essenciais: o sentido literal e o sentido espiritual (3). Citando um dístico medieval, o *Catecismo*, no ponto 118, explica estes sentidos do seguinte modo: *«A letra* ensina-te os factos (passados), a *alegoria* o que deves crer, *a moral o* que deves fazer, a *anagogia* para onde deves tender». Ou seja, juntos «estes sentidos recebem a riqueza da Escritura na Tradição viva da Igreja, criando um caminho para a Salvação» (4). Assim, olhemos para esta parábola, em primeiro lugar, no contexto de um judeu do século I.

Os servos e as tarefas.

A partida do senhor de sua casa acontece por necessidade, ao ponto do mesmo delegar a sua autoridade aos seus servos. Deixa-os encarregues da casa, mas advertidos para se manterem cautelosos e vigilantes, pois não sabem quando regressará.

Este primeiro passo pode parecer óbvio, mas naquele tempo significava que não havia como enviar uma mensagem quase imediata para avisar da proximidade do senhor e sua comitiva. Aliás, o contrário seria mais provável, pois diante das intempéries do caminho, um atraso poderia significar meses de espera, por exemplo, e as mensagens corriam à velocidade de patas, ou pés. Por isto, o bom servo, não sabendo o quando, só tem uma verdadeira opção: permanecer fiel a cada dia, a cada momento.

Em seguida, como numa casa, é sempre belo podermos habitar as parábolas do Senhor Jesus num esforço da imaginação. Logo para começar, ao dizer aos Seus discípulos que aquele senhor deu «plenos poderes» aos seus servos, cada um com a sua tarefa e com o porteiro na linha da frente da vigilância, é possível entender uma imagem da Igreja – o porteiro com as chaves remete para Pedro, por exemplo.

No entanto, recordemos que toda a Criação é erigida como um templo cósmico, no qual o Jardim do Éden surge como o Santo dos Santos (cf. Gn 1-2), e que esta estrutura é repetida na construção do Santuário depois do Êxodo (cf. Ex 35-43) e em ambos os Templos de Jerusalém (cf. 1Rs 5-7; Esd 3-6). Pelos sacramentos, a Igreja age como «nova Criação», cuja pedra angular é Cristo, onde o plano salvador de Deus encontra a sua consumação definitiva. Deste modo, a casa pode e deve ser entendida como toda a Criação e a comunidade eclesial.

Tomemos ainda a ousada, mas bela, expressão «Igreja doméstica» (5) relativa à família. Assim, podemos olhar literalmente para esta casa, como cada um dos nossos lares, que são chamados a ser comunidades de fé, esperança e caridade. Aqui, cada membro da família assumirá o seu papel específico na espera pelo Seu Senhor, incentivando os outros a não desanimarem quando Este parecer tardar.

Imaginemos as variadas tarefas que seriam necessárias para manter uma casa preparada para a chegada do seu senhor, desde o azeite nas lamparinas, até à refeição que deveria estar preparada; da loiça lavada, passando pelos legumes cortados e até ao pão amassado, pronto a cozer à chegada do seu senhor. Da mais pequena à mais complexa tarefa, «a cada um a sua tarefa» (v. 34).

«Estai vigilantes e rezai»

Jesus não específica um dia, nem uma hora. No entanto, ao referir as horas do render da guarda – anoitecer, meia noite, madrugada e amanhecer –, parece indicar que virá durante a noite, à hora em que menos esperarmos (cf. Mt 24, 37-51). A vigilância exortada é exigente, colocando os servos no meio da tribulação - «Estai vigilantes e rezai, para não cairdes em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca» (cf. Mc 14, 38).

Como é possível um servo de carne fraca aguentar esta exigente espera?

O senhor que Jesus apresenta em várias parábolas, como imagem do Pai, é bom, justo, rigoroso, severo e conhece cada um dos seus servos. Chega mesmo a escolhê-los a dedo, quando, por exemplo, partilha os talentos (cf. Mt 25, 14-30). Naturalmente, um senhor destes produz o respeito, o temor, a lealdade e mesmo o amor naqueles que o servem. Ora, Jesus dirá mesmo que já não se dirige a servos, mas a amigos ao falar com os discípulos (cf. Jo 15, 15), numa alusão sumária muito interessante a todas estas parábolas. Por esta razão, o Senhor exorta à oração, ao encontro pessoal e dialogante do discípulo e do seu Senhor. Para que os laços se possam estreitar, para podermos ser domados pelo Senhor, para que possamos aprender a reconhecê-Lo.

Como lemos na primeira leitura, Isaías reza mergulhado na esperança num Deus que desce até nós - «Oh, se rasgásseis os céus e descêsseis! [...] Mas vós descestes e perante a vossa face estremeceram os montes» (Is 63, 19. 64, 2). Toda a leitura surge

como uma belíssima e forte oração, dirigida a um Senhor que é Pai, como nunca antes em todo o Antigo Testamento, para que desça e salve. Nela podemos antecipar o Mistério da Encarnação, do Natal do Senhor, pelo qual somos redimidos do nosso pecado. Trata-se de uma oração consciente de quem É Deus, o Pai fiel, por isso mergulhada nas virtudes teologais da fé, da esperança e do amor. Deste modo, como nos diz o *Catecismo*, a oração «é a ocupação única, a de amar a Deus, que anima e transfigura toda a ação em Cristo Jesus» (6).

O discípulo amigo é chamado a recordar, a fazer memória do seu Senhor, a procurar entrar no simples, humilde e amoroso colóquio com Ele a cada momento. Assim, a espera deverá ser animada pela imersão nas promessas cumpridas, desde sempre, pelo Pai. Por tudo isto, somos convocados na Igreja a este tempo de Advento, para que mergulhados na intimidade com o Senhor, possamos bradar todos os dias da nossa vida: «[*Marána thá*] Vem, Senhor Jesus!» (cf. Ap 22, 20).

(1) *Catecismo da Igreja Católica*, § 1.

(2) Cf. *Ibidem*, § 654.

(3) Cf. *Ibidem*, § 115-119.

(4) Cf. CAVINS, J., *A Guide to Biblical Literacy: How to infuse Scripture into daily life and set an example for the next generation*, Ascension Press, 2026, 8.

(5) Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, § 2204

(6) Cf. *Ibidem*, § 2668

Texto baseado em «*Mass Readings Explained – Year B –1st Sunday in Advent*» de Brant Pitre